

AS GRAVURAS RUPESTRES DE SANTA BÁRBARA, VISEU*

CELSO TAVARES DA SILVA
JOÃO L. INÊS VAZ
IVONE PEDRO

A descoberta desta nova estação de arte rupestre resultou do projecto de levantamento arqueológico que tem vindo a ser desenvolvido pelo Gabinete de História e Arqueologia da Câmara Municipal de Viseu¹.

Foi precisamente no cumprimento desse objectivo que, quando pretendíamos fazer a localização de uma estação que o Dr. José Coelho refere nos seus “Cadernos de Notas Arqueológicas”, descobrimos as gravuras de Santa Bárbara.

Localizam-se no sítio de Santa Bárbara, junto da capela com o mesmo nome, na freguesia de Ribafeita, concelho e distrito de Viseu².

O conjunto das gravuras é constituído por sete rochas insculpidas de dimensões relativamente reduzidas, quatro com pequenas espirais,

* O presente texto foi objecto de uma comunicação ao II Colóquio Arqueológico de Viseu, realizado em 1990. Como se trata de um texto inédito elaborado com a colaboração de Monsenhor Celso, recentemente falecido, resolveram dois dos signatários (JLIV e IP) propor a sua publicação, que assim se constitui como uma homenagem póstuma ao maior estudioso de arte rupestre da Beira Alta.

¹ Nesta altura, dois dos signatários, João L. Inês Vaz e Ivone Pedro, faziam parte deste Gabinete, um como coordenador e outro como técnico superior. Infelizmente, num momento posterior, este Gabinete foi completamente destruído, interrompendo-se um trabalho válido que ali vinha a ser feito.

² O acesso ao lugar faz-se pela Estrada Nacional 16 (Viseu - S. Pedro do sul), antes do cruzamento de Gumieí, por um caminho encostado ao muro da Quinta da Corredoura, outro sítio onde têm aparecido vestígios arqueológicos, nomeadamente um machado de pedra.

uma com pegadas, outra com uma representação solar e a última com duas figuras antropomórficas e zoomórficas.

Exceptuando o rochedo com as pegadas, mais afastado dos restantes, todos os outros parecem dispor-se à volta de um rochedo maior, que, no entanto, não apresenta quaisquer vestígios de gravuras.

O facto de a área em questão ter sido vítima de um incêndio recente facilitou a identificação das gravuras.

A primeira foi encontrada puramente por acaso, quando já nos preparávamos para regressar a Viseu. Em face deste achado, prospectámos o terreno em volta e descobrimos as outras gravuras, duas das quais (a que mostra uma representação solar e a das figuras antropomórficas e zoomórficas) estavam completamente cobertas de terra, apenas se notando pequenos riscos que nos chamaram a atenção.

Mais tarde, quando voltámos ao local para fazer o tratamento bicromático, Monsenhor Celso descobriu, então, a rocha com as pegadas.

* * *

A espiral parece constituir uma das formas mais generalizadas da tipologia básica da arte rupestre, presente na maioria dos núcleos mais representativos da Europa, da Ásia e da África. Aparece já, talvez, como elemento meramente decorativo, em alguns instrumentos do Paleolítico Superior, nomeadamente nos bastonetes de Isturitz (Baixos Pirenéus), espalhando-se profusamente, em tempos posteriores, entre os petróglifos da Irlanda, da Inglaterra, com particular incidência na Escócia, e Sul da Escandinávia, onde terá chegado através do Centro da Europa e Norte de França. É frequente também entre a arte rupestre do Noroeste da Península Hispânica, do Vale do Tejo e do Vale Camónica, no Norte da Itália.

Mas o centro de irradiação parece ter partido das culturas egeias que floresceram ao longo da Idade do Bronze no Mediterrâneo Oriental, donde irradiaram em vários sentidos, chegando à Península, provavelmente, através do Norte de África e das Canárias.

A causa determinante desta expansão deverá procurar-se, sem dúvida, no dinamismo da expressão de que a figura se reveste como símbolo generalizado da vida.

A espiral encontra-se profusamente representada na cerâmica dos espólios fúnebres, nas estatuetas das divindades femininas comuns às várias culturas do Médio Oriente, que se desenvolveram a partir do Neolítico, e nas várias manifestações do culto ofiolátrico, cujas

reminiscências se encontram na própria Bíblia, com a serpente de bronze levantada por ordem de Moisés.

Mais tarde, torna-se o elemento decorativo por excelência da arte céltica, sem perder, contudo, a carga simbólica de que era portadora.

Sobrino Lourenço-Ruza em trabalho publicado na *Revista de Guimarães* (vol. LXIII, p.60 e seg.), contava, no território português, em 1953, por alturas da publicação, 12 espirais assim distribuídas:

“Forno dos Mouros” (Sever do Vouga)	- 4
“Monte da Saia” (Barcelos)	- 1
“Lanhelas” (Minho)	- 3
“Eirô” (Canaveses)	- 2
“Sabroso”	- 2

Na Galiza, segundo o mesmo autor, encontravam-se espirais nos seguintes rochedos:

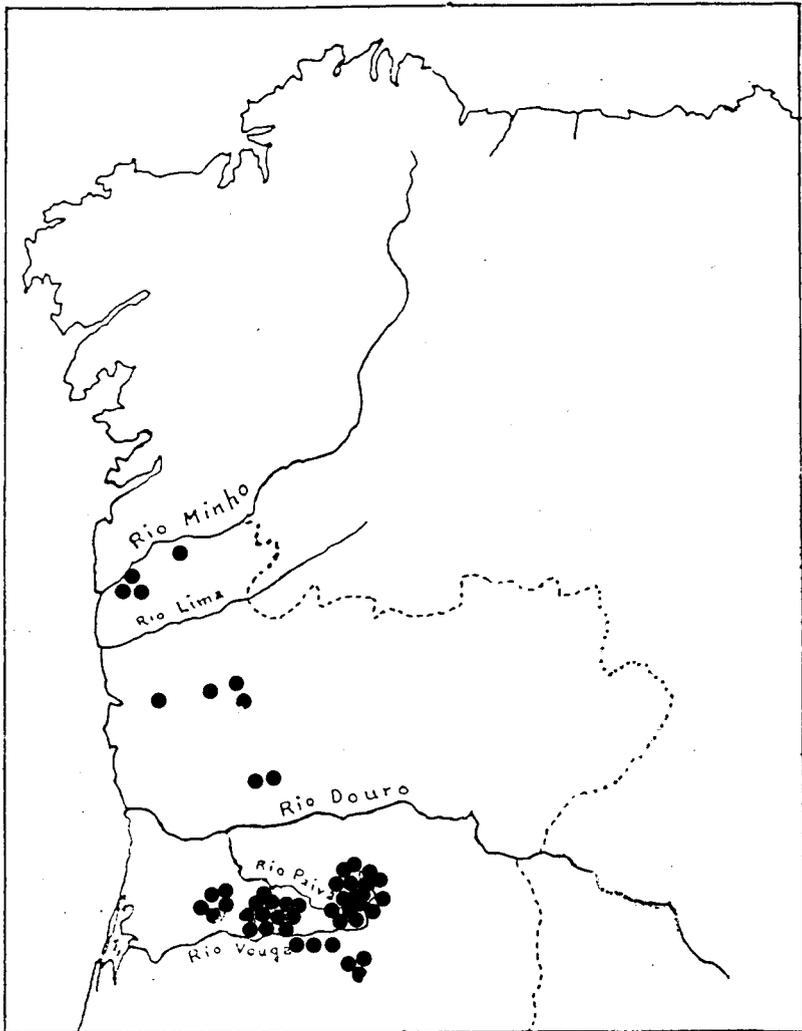
“Coto de Braña”	- 1
“Pedra de Bullosa”	- 2
“Portela de Rozas Vellas”	- 2
“Outeiro de Carballiños”	- 3
“Outeiro da Mo”	- 2
“Quadas dos Mouros”	- 2
“Santas Tecla”	- 1
“Monte Penide”	- 1
“Fregoselo”	- 1

Ao todo, são 15 motivos que se situam ao norte do rio Minho, divididos por duas classes: espirais simples e espirais que terminam por um prolongamento recto. Este pequeno pormenor igualmente se constata nas espirais do território português, como se pode comprovar pelo presente conjunto. O autor observa que este mesmo tipo do prolongamento, considerado símbolo da fecundidade, aparece nas esculturas das deusas mediterrâneas, de provável origem hitita, relacionadas, talvez, com as deusas do círculo trácico.

É natural que, depois de 1953, data da publicação do trabalho referido, muitas outras espirais tenham sido descobertas, tanto na Galiza, como no Norte de Portugal. Foi, contudo, na Beira-Alta, cujos petróglifos fazem parte do conjunto da arte rupestre do Noroeste Peninsular, que maior número destas gravuras se encontrou, podendo-se contar, hoje 44.

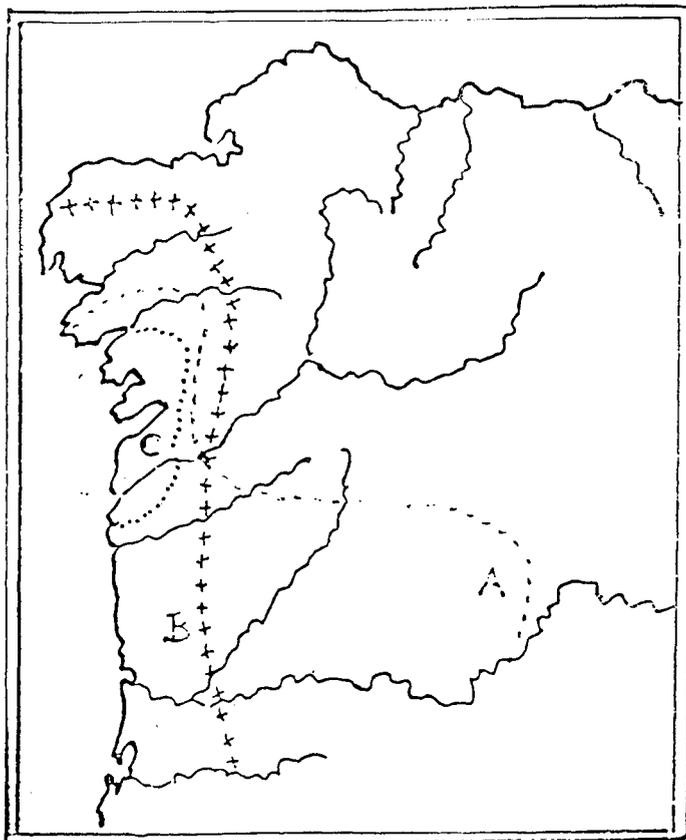
A descoberta da “Pedra dos Pratos”, junto ao Rio Paiva, com 18 espirais, cujo estudo se apresentou no *I Colóquio Arqueológico de*

Viseu, em 1988, e as de Santa Bárbara, que estamos a apresentar, com 3 espirais, provam ainda não ser exacta a tese de Alberto Souto, seguida por Cuevillas e outros, de circunscrever as espirais a uma faixa paralela ao mar, que se estende das proximidades das rias da Galiza ao Vouga, visto que a carta geográfica da sua distribuição apresenta claramente uma forte infiltração para o interior, aproveitando naturalmente as vias de penetração do Vouga e do Paiva.



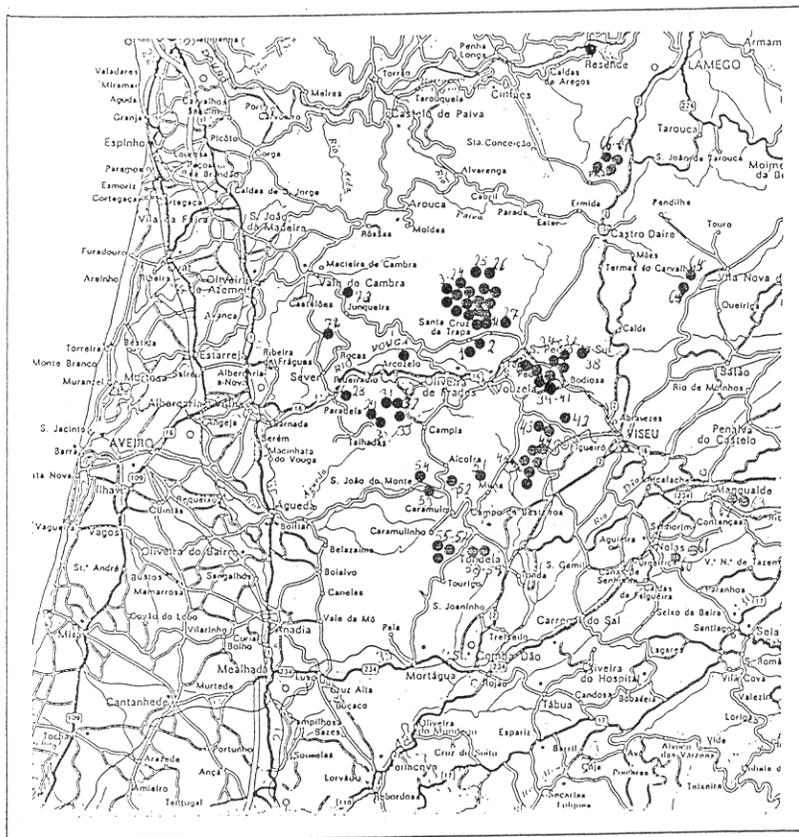
ESC. 1 : 2 2 5 0 0 0

Mapa I - Distribuição das formas espiraladas (Norte de Portugal)



- A - Área dos Cruciformes
- B - Área das Combinações Circulares
- C - Área dos Zoomorfos

Mapa II - Distribuição Tipológica dos Petróglifos, segundo Lopez-Cuevillas



ESC. 1: 600 000

Distribuição das gravuras rupestres na região de Viseu

1 	2 	3 	4 	5 	6 	7 	8 
9 	10 	11 	12 	13 	14 	15 	16 
17 	18 	19 	20 	21 	22 	23 	24 
25 	26 	27 	28 	29 	30 	31 	32 
33 	34 	35 	36 	37 	38 	39 	40 
41 	42 	43 	44 	45 	46 	47 	48 
49 	50 	51 	52 	53 	54 	55 	56 
57 	58 	59 	60 	61 	62 	63 	64 
65 	66 	67 	68 	69 	70 	71 	72 

Quadro tipológico das gravuras rupestres da região Vouga



Espiral com prolongamento, num dos rochedos.



Fotografia com duas espirais submetidas a tratamento bicromático.



Pequena espiral num rochedo.



Par de pegadas num rochedo mais afastado dos rochedos onde estão gravadas espirais.



Representação solar e grande pegada?



Figura zoomórfica no rochedo maior gravado.